

## **A experiência do bullying por pessoas com deficiência no contexto escolar: Uma observação do filme Koe no Katachi**

Alisson Antunes Coelho<sup>1</sup>, Bruno Tavares Oliveira<sup>2</sup>, Ruan Schardosim de Oliveira<sup>3</sup> e Thaís Duarte Moura<sup>4</sup>

<sup>1-4</sup> Graduando de Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina

### **Resumo**

O seguinte artigo tem como objetivo identificar e registrar categorias de comportamento associadas ao bullying contra deficientes no contexto escolar por meio da observação da animação Koe no Katachi. A educação inclusiva é um direito fundamental e por isso é importante compreender fenômenos que impedem sua implementação completa como o bullying, para que assim se possa impedir tais condições possibilitando uma educação inclusiva. A observação do filme foi feita utilizando a técnica de amostragem focal, sendo o sujeito observado a personagem Shoko, foram utilizadas técnicas mistas de registro variando entre o registro contínuo cursivo e o registro de evento, foi utilizado um protocolo de observação, demarcando sempre o objetivo, a data, minuto de início e fim, ambiente, descrição do sujeito, e as técnicas empregadas em cada caso, além do registro dos comportamentos seguidos pela produção analítica, visando os objetivos do presente trabalho, as cenas escolhidas para a observação estão presentes do minuto 4:24, até o minuto 17:00. Por meio da análise das cenas foi possível identificar a presença de barreiras comunicacionais e atitudinais relacionadas a deficiência que impediam a inclusão plena da personagem, foi possível identificar que a instituição escolar contribui para a perpetuação dessas barreiras, por

meio da negligência e despreparo dos professores, o que contribui com o comportamento de bullying observado nas mesmas cenas.

**Palavras-chave:** bullying; deficiência; educação; inclusão.

## Introdução

O presente artigo tem como objetivo, identificar e registrar categorias de comportamento pertencentes ao fenômeno do bullying a partir da observação de cenas da animação japonesa “Koe No Katachi” (em português, “A Voz do Silêncio”) a partir da relação da personagem com deficiência Shoko, que possui lesão no sistema auditivo, e de Ishida com o restante da turma, evidenciando a característica de barreiras comunicacionais e diferenças que estão presentes entre os sujeitos e o papel de inclusão que a educação deve possuir, evitando moralizar a animação e encontrar um culpado, mas, de certo modo, pontuando que a vítima de bullying não é culpada. A perspectiva inversa disso é baseada em moldes individualistas, que buscam responsabilizar o indivíduo por sua condição assim como exploram e apontam os modelos sociais da deficiência (Diniz, 2007). Para contornar tal perspectiva durante esse artigo será pontuado a presença do Professor e a instituição que ele representa, identificando os instrumentos de combate ao bullying no contexto escolar ou a omissão do mesmo, pois é dever da escola o levantamento de informações e a inclusão da diversidade, fundamentais para a manutenção do diálogo e efetivação do desenvolvimento de ações educativas (Rocha, 2020). A Narrativa do filme apresenta a maioria de suas cenas de bullying durante o contexto escolar, portanto se faz necessário para a compreensão desse fenômeno, identificar como a educação inclusiva de Shoko se torna uma educação inclusiva excludente (Dias & Pingoello, 2016).

Lopes Neto (2005) define bullying e vitimização como “... uma forma de afirmação de poder interpessoal através da agressão.” e classifica o comportamento de bullying como direto, em situações de ataques direcionados às vítimas explicitamente, como agressões físicas, ameaças, roubos, apelidos, ofensas verbais ou expressões ou gestos que provocam mal-estar a quem são direcionados, sem um motivo específico aparente e com relações desiguais de poder entre uma ou mais pessoas; e indireto em momentos em que a vítima é isolada e torna-se alvo de difamação, indiferença e acaba por ter seus desejos e interesses negados. Um dos principais influenciadores do surgimento do comportamento do bullying é a relação de apego entre pais e filho, uma relação de apego seguro gera a longo prazo uma tendência a um bom desenvolvimento socioemocional do filho, com comportamentos ricos, menos agressivos, mais empáticos e socialmente aceitáveis e vistos como bons; já o apego inseguro dentro de uma relação familiar instável e inadequada, a tendência de um baixo desenvolvimento socioemocional, com aparição de comportamentos agressivos, inadequados e socialmente mal vistos aumenta (Carlson et al., 2003; Diener et al., 2008; citado por Bee & Boyd, 2011). É também na faixa de idade escolar que os grupos de amizades começam a se formar mais fortemente, surgindo a classificação das crianças populares, negligenciadas e rejeitadas, sendo essas os principais alvos do comportamento de bullying, devido suas diferenças sociais (Bee & Boyd, 2011). Outra classificação importante dentro do fenômeno do bullying são os papéis individuais, são eles: perpetrador, vítima, assistente do perpetrador, espectador reforçador, espectador não participante, defensor da vítima, entre outros (Andreou & Metallidou, 2006, citado por Bee & Boyd, 2011), tal classificação de papéis é importante na observação e registro de comportamentos pois busca separar o papel de cada indivíduo presente no fenômeno, auxiliando na análise e no estudo de casos semelhantes, favorecendo uma intervenção mais precisa e benéfica.

A prática de bullying entre estudantes pode ser decorrente de variados fatores de risco, como social, econômico, cultural, entre outros; e que prevalece entre crianças de 11 e 13 anos de idade. No entanto, é capaz de provocar como consequências, sofrimento psíquico e dificuldades no desenvolvimento das habilidades escolares e nas relações sociais ao longo da vida das pessoas envolvidas (Lopes Neto, 2005), sendo importante o estudo sobre o tema, a fim de promover o debate sobre saúde mental no contexto escolar através de ações de medidas preventivas e inclusão. As vítimas do bullying são apontadas por Smith (2002, como citado em Dias & Pingoello, 2016) como as pessoas que não se encaixam em um padrão imposto socialmente, ou seja, possuem diferenças cruciais em relação ao padrão de normalidade. Essa diferença pode se dar de diversas formas, tanto física quanto comportamental, econômico ou cultural.

Logo, pessoas deficientes tornam-se vítimas potenciais da prática do bullying, pois além de suas diferenças físicas ou mentais, encontram-se em um espaço com muitas barreiras sociais que acabam por desamparar e impedir um círculo de amizade que a proteja da vitimização do bullying, excluindo ainda mais a criança deficiente do espaço escolar, causando sofrimento psíquico e consequências negativas para o desenvolvimento social (Smith, 2002, citado por Dias & Pingoello, 2016). Por isso, vale ressaltar a importância de trabalhos como este, para a observação e análise de comportamentos de bullying contra pessoas com deficiência visando uma educação mais inclusiva e benéfica para todos.

Segundo Diniz (2010) deficiência poderia ser definido como “o resultado da interação de um corpo com lesão em uma sociedade discriminatória”. É importante definir o conceito de lesão, com sendo ausência parcial ou total de um membro, ou membro, organismo ou mecanismo corporal defeituoso, já a deficiência estaria relacionada com a insensibilidade da sociedade para as necessidades específicas desses sujeitos, acarretando na exclusão deles da vida social. Ou seja, lesão seria uma característica física do organismo, enquanto a

deficiência seria causada pelo contexto social que não leva em consideração as pessoas lesionadas e a diversidade corporal humana, causando assim a experiência de opressão e exclusão sofridas pelos deficientes.

Será abordado a problemática do fenômeno bullying em âmbito escolar, direcionado a pessoas com deficiência, incorporado à categoria surdez, pois a personagem Shoko, apresentada no filme, é surda. O Ministério da Saúde (2020) apresenta a definição de surdez como sendo a “impossibilidade ou dificuldade de ouvir”, essa condição pode ser causada por fatores como predisposição genética; infecções (otite); exposição à ruído de alta intensidade; entre outros, assim como pode ser categorizada em tipos e graus. Em relação aos tipos de surdez, há três classificações: perda auditiva condutiva, quando a passagem de som é comprometida pela orelha externa e/ou média; perda auditiva neurosensorial, quando a audição é afetada por um comprometimento na orelha interna (cóclea) e o nervo; e perda auditiva mista, quando há uma “mistura” da perda auditiva condutiva e neurosensorial. Há, também, os graus de perda auditiva, classificados como: leve, quando a pessoa é capaz de ouvir e repetir palavras em volume normal a um metro de distância; moderado, quando a pessoa é capaz de ouvir e repetir palavras em volume elevado a um metro de distância; severo, quando a pessoa é capaz de ouvir palavras em voz gritada próximo à melhor orelha; e profundo, quando a pessoa é incapaz de ouvir e entender mesmo em voz gritada (Organização Mundial da Saúde [OMS], 2014, citado por Moreira, 2019).

Visto que a surdez não acomete a todas as pessoas da mesma forma, essa classificação é feita para que cada caso seja disposto ao tratamento adequado. Entretanto, as definições citadas acima fazem parte da elaboração construída pelo modelo clínico-terapêutico, que classifica a surdez como patologia, visando sua reabilitação. As representações sociais da surdez vistas sob a perspectiva do modelo socioantropológico, e pela comunidade surda, são tidas como “diferença cultural e linguística”, pois muitas pessoas surdas não consideram sua

condição como deficiência, mas sim como parte de uma minoria linguística (Guimarães, 2019, p. 9). Ainda assim, neste artigo a surdez será tratada a partir do viés de deficiência, a fim de apresentar a perspectiva de modelo social da deficiência apresentado por Débora Diniz (2007), que se opõe à ideia de deficiência sob a perspectiva de anormalidade e defende a concepção como um estilo de vida, desvinculado da patologização criada pelo modelo médico.

A experiência da deficiência não é exclusivamente uma consequência biológica, mas sim um resultado de barreiras, criadas por um ambiente hostil, perante à diversidade corporal (Diniz, 2007), sendo a experiência um produto influenciado por diversos fatores, entre eles o biológico e social, com o surgimento da deficiência quando há a existência de barreiras. Na legislação brasileira as barreiras são definidas pela lei nº 13.146 de 2015 no Art. 3º, item IV, como qualquer obstáculo que impeça a participação social da pessoa e seus direitos à acessibilidade, informação, expressão e segurança e diversos outros.

No presente artigo haverá um enfoque em barreiras atitudinais, na qual a participação é vetada por comportamentos ou atitudes, e barreiras na informação e nas comunicações, as quais impedem o direito de expressão e o de recebimento de conhecimento. O direito à educação é universal e seu acesso deve incluir a diversidade, intensificando a importância da educação inclusiva como necessária para a garantia da educação para pessoas com deficiência.

Diniz (2007) enfatiza na forma como a sociedade idealiza a independência como sinônimo de liberdade e como tal concepção é excludente para aqueles incapazes de exclusivamente viver independentemente. Tal ideologia apresenta a independência como o resultado de um mundo sem barreiras, o qual não inclui aqueles incapazes de viver de tal modo (Diniz, 2007). Portanto é necessário a interdependência na efetivação da participação social de todos, de outro modo se tem uma inclusão excludente, caracterizada pela exclusão

em um ambiente inclusivo (Dias & Pingoello, 2016). A educação inclusiva deve ser capaz de satisfazer o direito social de interdependência e um ambiente escolar sem barreiras, no entanto o resultado ao falhar em satisfazer tais requisitos é a produção de uma educação inclusiva excludente, o qual é constituído por diversos fatores, sendo o bullying um deles.

O fenômeno da experiência de bullying contra pessoas com deficiência no contexto escolar é estruturado a partir dos seguintes conceitos: barreiras, na qual o bullying está inserido, inclusão, o qual se configura como o processo de eliminação de barreiras e educação, na qual a escola tem responsabilidade pelo desenvolvimento de seus alunos (Dias & Pingoello, 2016).

### **Método**

O presente estudo busca analisar o fenômeno psicológico do bullying através do registro e análise de categorias do comportamento através da observação de cenas do filme *Koe no Katachi* (2016), uma animação japonesa dirigida por Naoko Yamada, originalmente apresentado como mangá, que apresenta o tema bullying em sua narrativa, além de abordar questões sobre suicídio, depressão, e a forma como se estabelecem as relações interpessoais entre crianças em idade escolar, com e sem deficiência. A prática de bullying ocorre entre os personagens protagonistas Shoko Nishimiya e Shoya Ishida e seus colegas de classe do ensino fundamental, e é motivada pela condição de Shoko, que é deficiente auditiva. No decorrer da trama acompanhamos as situações em que o comportamento ocorre, em contexto escolar, sendo a população alvo, os estudantes da classe de Shoko, personagem presente no filme. Serão analisados comportamentos como exclusão social, agressão física e agressão verbal que envolvem o fenômeno do bullying, focando principalmente no aspecto da deficiência e inclusão, pretendendo responder conforme o método as seguintes perguntas: quais as barreiras que proporcionam os comportamentos de bullying? Quais são as categorias de comportamento que envolvem o fenômeno do bullying com pessoas surdas?

Os sujeitos presentes nas cenas possuem características em comum, como a idade, sendo o período escolar fundamental, provavelmente entre 7 anos e 12, todos japoneses estudantes da mesma escola.

A técnica de amostragem empregada pelo grupo é a amostragem focal, sendo o sujeito central a personagem Shoko, utilizando técnicas mistas de registro, variando entre registro contínuo cursivo (em uma fase mais inicial do trabalho, para uma análise mais abrangente das cenas) e o registro de evento (para a análise mais específicas das categorias selecionadas e percebidas pelo grupo). Foram feitas observações por duplas de observadores, usando protocolo de observação, demarcando sempre o objetivo, a data, minuto de início e fim, ambiente, descrição do sujeito, e as técnicas empregadas em cada caso, além do registro dos comportamentos seguidos pela produção analítica da dupla, visando os objetivos do presente trabalho.

A cena escolhida para a observação será do minuto 4:24, até o minuto 17, visando selecionar apenas o fenômeno do bullying no ambiente escolar, sendo o processo de vitimização voltado para a Shoko, a menina deficiente auditiva, para analisar a relação e as diferentes categorias de comportamento nessas condições. As observações serão divididas em cenas da seguinte forma:

Cena	Início	Término
1	4:24	6:21
2	6:21	8:45
3	8:45	10:37

4	10:37	13:34
5	13:34	16:07
6	16:07	17:57

Tais divisões foram efetuadas por proximidade temporal, evitando saltos temporais muito grandes no filme, também considerando mudanças de cenário e de personagens, para facilitar a observação e a análise e discussão dos resultados do trabalho. As categorias de comportamento deste trabalho foram classificadas conforme observação prévia do filme e a classificação de Lopes Neto (2005) em bullying direto e indireto, ou seja, foram divididas em duas categorias, bullying contra pessoas deficientes e bullying contra pessoas não deficientes, e dentro de cada categoria, dividido entre bullying direto e indireto. Dentro do bullying direto incluem-se os comportamentos: violência física, classificada como ato onde o agressor viola o espaço físico da vítima, causando hematomas ou desconfortos, como chutes, estrangulamentos, cutucões, empurrões, entre outros; violência verbal onde o agressor ofende por meio da escrita ou da fala a vítima, usando palavrões, ofensas, apelidos maldosos, imitações debochadas, rir da cara da vítima, entre outros. Essa forma de violência, dentro do fenômeno do bullying, pode ser justificada ou enxergada pelos agressores e até mesmo as vítimas como uma forma de brincadeira ou diversão, que dentro do grupo e dos papéis envolvidos na relação de bullying seria “saudável”, tanto pelos agressores e demais testemunhas do ato, quanto pela própria vítima, desviando o ato de violência das suas consequências e relações negativas de poder e dificultando a intervenção. Dentro do bullying indireto pode-se destacar a categoria de afastar ou excluir a vítima, definida como ato de excluir alguém do grupo de amigos ou de atividades em grupo, criando preconceitos

voltadas para as diferenças da vítima; a difamação atribuir características ou histórias e experiências ofensivas à vítima.

### **Resultados e Discussão**

O fenômeno da experiência de bullying por pessoas com deficiência na educação inclusiva é vivenciado pela personagem Shoko Nishimiya, sofrendo bullying direto e indireto contra pessoa com deficiência (PCD). É necessário evidenciar, neste momento, sobre como apesar da surdez de Shoko ser um dos motivadores para o início das agressões, ela não é a responsável por perpetuar o bullying, a isto o crédito deve ser dado para a organização escolar, e sua incapacidade de incluir a diversidade corporal. Utilizando do conceito de barreiras (Diniz, 2007) é necessário compreender como estas resultam na experiência da lesão como deficiência e, por consequência, na efetivação do bullying, e que o mesmo não viria a acontecer se a organização escolar houvesse abordado a questão da deficiência de modo adequado e buscado contornar ou eliminar as barreiras para a inclusão da Shoko no ambiente escolar.

Através de uma análise qualitativa dos comportamentos que configuram a experiência de bullying por PCD, é possível revisar métodos de eliminação de barreiras e efetivação da educação inclusiva, sendo estes importantes na compreensão do bullying uma vez que as barreiras estão associadas a comportamentos de exclusão. Uma primeira barreira notável é a da comunicação, sendo expressada na cena em que Shoko é apresentada para a turma, nesta cena o professor utiliza da voz para pedir que Shoko se apresente, e após alguns segundos realiza que ela não pode ouvir, então a toca no ombro. É claro onde se inicia a barreira comunicativa neste momento, mesmo que não se associe ao bullying, demonstrando uma primeira falta na inclusão de Shoko na educação e tendo o reflexo disso na expressão do Ishida ao gritar no meio da sala de aula, ao perceber que Shoko não podia ouvir. Apesar dessa cena não apresentar um comportamento de bullying, ela é necessária para a compreensão pois

são momentos de construção da estigmatização da deficiência de Shoko que futuramente serão alvo de violência. É importante, então, ressaltar que um exemplo de educação inclusiva nesta primeira apresentação deveria de acontecer sem a presença de Shoko, através da apresentação da deficiência e uma familiarização da turma com o tema e, posteriormente, a apresentação da Shoko de uma forma mais coordenada de modo a expressar que é possível uma comunicação.

A organização das turmas é feita de modo clássico, com o Professor de frente pra turma. O professor é um adulto responsável pela turma do ensino fundamental, no entanto é questionável sua experiência com a educação inclusiva, já que em primeiro momento ele não parece nem ao menos realizar a existência de barreiras existentes para a inclusão. A introdução de Shoko em sua turma é sinalizada pelo Professor através de voz, ignorando como isto perpetua uma barreira e como este comportamento pode vir a ser reproduzido por seus alunos, a sua solução para tal barreira comunicativa é ainda mais questionável, pois sem manter qualquer contato visual ou aviso prévio o Professor vem a tocar no ombro de Shoko, um movimento que pode ser considerado altamente invasivo, demonstrando o despreparo do Professor perante a educação inclusiva.

Ferreira et al. (2015) evidenciam a predisposição dos professores em relação à inclusão dos alunos como fator essencial na eficácia da educação inclusiva, mencionando a dependência dos alunos da escola inclusiva acerca das diferenças na sala de aula e da maneira de responder adequadamente a tais diferenças. Notando o papel do professor como representante da organização escolar, cuja responsabilidade na educação inclusiva recai na promoção da educação de qualidade para todas as crianças (Ferreira et al., 2015).

A educação inclusiva acontece de modo universal no desenvolvimento educacional a partir da convivência em comunidade, cuja diversidade é respeitada e promovida através de um ambiente ausente de barreiras, postulando como objetivo à educação para todos, sem

exceção (Ferreira et al., 2015). Tal modelo escolar preza pela qualidade da educação para todos os alunos, pautando a inclusão na modificação do ambiente escolar para a inclusão dos alunos, tendo a inclusão da diversidade no ensino como consequência da eliminação das barreiras e do convívio social pleno.

Shoko então após este auxílio questionável de seu professor procede sua apresentação utilizando de um caderno para se comunicar e se apresentar. É de se imaginar as diferentes possibilidades de como esta situação poderia ter acontecido e como mesmo o universo fictício do filme reflete uma representação da realidade de diversas pessoas com deficiência, as quais são introduzidas no contexto escolar de forma inclusiva mas sem uma preparação para superar as barreiras existentes. Como exemplo de barreiras atitudinais é possível observar a dificuldade que a personagem tem em estabelecer uma comunicação com os colegas e, até mesmo com o professor, tais ocorrências podem ser entendidas como parte do estigma histórico sofrido por pessoas surdas, ao passo que, a falta de linguagem oral as coloca à margem das relações sociais (Santana & Bergamo, 2005).

Na cena 2 (ver apêndice), é perceptível as barreiras de comunicação dispostas entre Shoko e a turma, devido ao despreparo do professor que não demonstra nenhum tipo de preocupação em incluir Shoko nas atividades da aula, pois ele dita as atividades e enquanto os alunos escrevem em seus cadernos, Shoko aparenta estar perdida, olhando para os lados, sem poder acompanhar o que é dito pelo professor. Além disso, o fato de não haver nenhum intérprete em sala, tanto para ajudar Shoko a compreender a aula e realizar as atividades sozinha, quanto para facilitar a comunicação dela com os colegas e professor, também pode ser considerado uma forma de barreira, de acordo com a Lei nº 13.146 de 2015 no Art. 3º, item IV. Apenas uma colega, Naoka, mostra interesse em ajudar Shoko com a atividade, observa-se isso quando ela cutuca Shoko com a lapiseira, pede seu caderno e, assim, começa a fazer anotações para a colega, entretanto, a ação acaba fazendo com que ela não consiga

realizar sua própria atividade. Podemos observar isso na cena em que ela desce as escadas com a colega e comenta que “perdeu” o que o professor estava dizendo durante a aula. Percebe-se um tom de frustração em sua voz. A partir dessa cena, nota-se que o comportamento de Naoka muda em relação à Shoko, que passa a ignorá-la e fazer comentários maldosos a seu respeito. Tal atitude pode ser interpretada como frustração, pela falta de suporte do professor e da turma em sala de aula, no momento em que o professor estava ditando a atividade sem se preocupar com a condição de Shoko, deixando a tarefa de auxiliá-la por conta da empatia de algum colega, nesse caso, Naoka.

Na cena do coral (cena 2) também não há intérprete para auxiliar Shoko. É possível ver um professor e um aluno, o aluno está tocando piano e o professor como maestro, os demais alunos estão em coro de frente para o professor. O piano está sendo tocado, é possível observar Shoko olhando para os lados, e visualizando a colega ao seu lado abrindo a boca ligeiramente e, com isso, Shoko começa a cantar. Os demais alunos começam a encarar Shoko, que continua a cantar sozinha, aparentemente tendo começado a cantar cedo demais. A colega ao seu lado a toca no braço e a avisa que ela começou cedo demais e que irá avisar quando for a hora de cantar. A professora procede a dirigir o coro novamente e o piano volta a ser tocado. No fundo do coro, é possível ver Naoka, que fala sobre como a competição irá ser difícil e uma aluna complementa, dizendo que já perderam a competição. Aparentemente, a turma só percebe que Shoko precisa de auxílio quando ela começa a cantar antes de todos. A negligência por conta da instituição escolar, e do professor, diante das necessidades de uma aluna surda colabora com o processo de exclusão, discriminação e preconceito (Dias & Pingoello, 2016), sendo um fator importante no que tange a construção de barreiras que dificultam o convívio e desempenho de Shoko na escola.

A consideração das motivações para a intensificação do bullying não deve ser feita de modo casual, se fazendo necessário reafirmar a observação e então a análise da mesma. Na

cena 2 é visível um comportamento de bullying indireto contra PCD, no momento em que Ishida faz propositalmente uma leitura durante a sala de aula utilizando sons aleatórios logo após Shoko ter feito a sua leitura, cuja a voz é mais nasal, o bullying então acontece por parte de Ishida atacando o modo de fala da Shoko, a partir desta observação são importantes articular com os acontecimentos anterior e posterior a esta cena durante a narrativa para uma compreensão abrangente do bullying contra PCD.

Anterior a cena mencionada temos uma interação acontecendo entre Ishida e seus amigos, dos quais estão num lugar que os permitem ouvir a conversa de Naoka e sua amiga, Ishida então ouve Naoka falando sobre como não conseguiu prestar atenção na aula por ter de se dedicar a escrever anotações para Shoko, a qual não conseguia acompanhar a aula pois o professor estava apenas falando em voz alta o conteúdo. A barreira comunicativa está presente neste momento, no qual Shoko está impedida de ter acesso ao conhecimento transmitido pelo Professor, neste primeiro momento Naoka se disponibiliza a tentar superar esta barreira, em uma tentativa de fazer anotações para Shoko e para si mesma, no entanto este é apenas um exemplo de educação inclusiva excludente, onde o aluno é inserido numa escola não-segregada mas ainda com barreiras existentes, tendo especialmente neste momento a escola, ou mais especificamente o professor, abdicado de suas obrigações na superação de tais barreiras e falhando em criar um ambiente em que todos os alunos possam participar ativamente neste contexto escolar (Ferreira et al., 2015).

Considerando o aspecto narrativo fílmico é possível ressaltar a influência da inclusão excludente, a qual inseriu a Shoko no contexto escolar mas sem superação das barreiras, no comportamento do protagonista mais evidente do bullying contra PCD, o Ishida. No entanto é necessário articular os acontecimentos posteriores ao comportamento de bullying de Ishida, novamente de forma mais específica o comportamento do Professor. Na educação inclusiva, a diversidade deve enriquecer o aprendizado, se tornando um fator que utiliza a diferença na

comunidade escolar como facilitadora da aprendizagem (Ferreira et al., 2015). No entanto na cena 2, o Professor não demonstra tais comportamentos, permanecendo indiferente ao comportamento de bullying contra PCD e promovendo a exclusão da Shoko ao perpetuar a manutenção das barreiras atitudinais provenientes de suas atitudes perante a diversidade e a falta de inclusão.

É possível perceber o bullying indireto por meio da exclusão, como classificado por Lopes Neto (2005), como na cena 3 (ver apêndice). Isso pois grupos de amigos são formados e existentes, mas Shoko não consegue socializar, isso pois os grupos aparentam um desconforto ao ter ela presente, como exemplo da risada que denota tons de desconforto de Ueno, logo na primeira cena observada. Começa-se a criar a exclusão do deficiente no ambiente social e escolar, por meio do preconceito e do bullying indireto. Essa divisão de grupos e exclusão de Shoko fica presente também em um segundo momento na cena 3 (ver apêndice), onde um grupo de meninas se encontram em uma parte do brinquedo do parquinho, enquanto Shoko encontra-se no outro lado, aparentando estar interessada no grupo e querendo participar, pois volta-se para elas e apresenta comportamentos sociais, tais como sorrir e apresentar expressões amigáveis. Porém o bullying indireto e a exclusão permanece, pois toda a comunicação do grupo de amigas é oral, impedindo totalmente que Shoko participe ou integre o grupo de forma homogênea, excluindo automaticamente a “intrusa”.

Na cena 4 (ver apêndice) apresenta-se um conjunto de categorias de bullying indireto ao apresentar a língua de sinais para a turma, demonstrado através de um desconforto de alguns, e quando Sahara divulga seu interesse por Shoko e a língua, Ueno critica tal comportamento como “interesse por pontos extras”, ou seja, ser amigo de Shoko e melhorar as condições da comunicação para ela não é do interesse e é visto como exclusivamente curricular por muitos, um pensamento que categoriza-se dentro do comportamento de bullying indireto e exclusão da pessoa com deficiência (Lopes Neto, 2005), pois reforça as

barreiras sociais impostas a tais pessoas (Diniz, 2007). Pode-se perceber, neste momento, um olhar baixo por parte de Shoko demonstrando timidez, o motivo não estando claro e direto, podendo ser tanto por estar em pé a frente de toda a turma, como sentimento de culpa, pois sua deficiência “obriga” que seus colegas aprendem língua de sinais. É importante enfatizar como o professor se comportou, tanto nessa cena 4 como na cena 3 (ver apêndice) sempre exercendo sua função como autoridade, possuindo um ar de detentor do poder punitivo e estando muito ausente em questões de inclusão e aceitação como a aula favorecendo a educação excludente (Dias & Pingoello, 2016).

Importante pontuar que, assim como também apontou Lopes Neto (2005), foi possível registrar e observar como o bullying indireto é mais presente em grupos de amizades como a de Ueno, ou seja, em grupos de amizades majoritariamente composta por meninas, onde criticam imagem, personalidade, corpo, sempre às costas das vítimas, excluindo elas de grupos de amizades; também importante pontuar como o bullying agora não é mais singular e individual, a partir do momento que Sahara demonstra interesse e entra no círculo de amizades de Shoko, ela passa a ser vítima também, como difamações das roupas por parte de Ueno na cena 4 (ver apêndice), podendo ser entendido como uma sabotagem das relações de Shoko por meio do bullying indireto: a partir do momento que ela não é mais excluída, deve se quebrar as relações e voltar ao estado de exclusão, para que volte à “normalidade”, tudo isso com comportamentos principalmente da categoria de bullying indireto.

Na quarta cena nota-se a presença de uma tentativa de bullying direto por meios anônimos, Ishida tenta deixar uma mensagem para Shoko, porém a partir do momento que ela vê, ele finge se indignar com o comentário escrito por ele, para que Shoko não personifique Ishida como o violentador.

A quinta cena retrata um comportamento de bullying direto por parte de Ishida contra Shoko, onde o espaço físico da vítima é violado, e tal ato é visto pela turma não como um ato

violento, mas sim como motivo para risada, favorecendo o retorno do comportamento violento por parte do agressor. Nota-se como em nenhum momento o professor insere o assunto da acessibilidade e inclusão para a turma, e nessa cena em específico, atua apenas como instrumento punitivo, sendo que nem na punição parece estar presente, sendo muito mais uma figura ausente, que está ali apenas para passar o conteúdo para aquelas crianças, do que uma figura que constrói e favorece o ambiente de relação social da sala de aula.

Na observação da cena 5 os momentos de bullying são mostradas de forma intensa e frequente até o momento em que culminam em sangue derramado. É visível como o aparelho auditivo se tornou um alvo de bullying, representando a intolerância à diferença e rejeitando a inclusão. A barreira comunicativa é apenas fortalecida pelos comportamento de bullying, distanciando e excluindo a Shoko do restante da classe, a estigmatizando e tornando-a em um corpo cujo limites são constantemente violados. A notável falta de intervenção por parte dos professores é fator importante a ser considerado na manutenção dos comportamentos de bullying e isso é uma clara barreira na inclusão de Shoko no ambiente educacional.

Nesta última observação, correspondente à cena 6, Shoko não está presente, pois é o momento em que finalmente está havendo intervenção por parte dos adultos. No entanto é necessário notar que a forma que o assunto é lidado é de maneira questionável. Foi necessário 5 meses de bullying e vários aparelhos quebrados para alguma atitude ser tomada e no fim a culpa recaiu sobre o Ishida, que apesar de ser o principal agressor, não era o único. A forma como o professor acusa o Ishida é totalmente violenta e retira a sua própria responsabilidade como professor sobre o bullying e a coloca totalmente em um único aluno, sendo isso apenas mais um comportamento de exclusão contra a Shoko por não abordar os comportamentos de bullying de maneira adequada.

É dito no filme que Shoko perdeu oito aparelhos auditivos no decorrer de cinco meses, não é possível confirmar o tempo exato que ela sofreu bullying ou a frequência, mas é

possível inferir que no mínimo durante cinco meses ela estava sujeita a tal até uma intervenção por parte da escola fôssa feita. Em um dos últimos comportamentos de bullying observados, antes da intervenção, acontece de Shoko se machucar a ponto de sangrar, Ishida o principal agressor arranca dos ouvidos da Shoko seus aparelhos auditivos e então é possível ver sangue escorrendo em dos braços dela, é impossível ter a certeza de que este foi o único momento em que ela se feriu a ponto de sangrar, mas considerando o formato filmico é possível inferir que o sangue se tornou o clímax necessário para a realização de uma intervenção por parte da escola, tal comportamento é um bullying direto contra PcD, que apesar de estar focado no aparelho auditivo está violando o corpo do outro e fortalecendo barreiras ao danificar o aparelho, cuja objetivo é de inclusão.

### **Considerações Finais**

O formato filmico é limitado por ser uma representação da realidade, sendo capaz de atingir a verossimilhança através de retratar acontecimentos reais, é evidente a limitação que tal formato apresenta para a observação dos fatos de modo fidedigno pois o filme está sujeito ao seu caráter narrativo, no entanto é a partir dessa limitação que novas formas de explorar o tema surgem, utilizando como por exemplo a animação como um recurso filmico capaz de expressar a subjetividade do discurso narrativo com processos que misturam fatos e ficção (Rosa & Tonetto, 2019).

A possibilidade de observação da narrativa é privilegiada pela discussão dessa representação de realidade, ao utilizar desta arte e seu conteúdo na produção de uma observação crítica da educação inclusiva e seus obstáculos vivenciados pela personagem e sujeito observado, Shoko Nishimiya.

As categorias de comportamento observadas, que envolvem o fenômeno bullying com pessoas surdas, são caracterizadas por barreiras na inclusão perpetuadas, principalmente, pela instituição escolar e pelo professor em sala de aula. O comportamento de bullying disposto diretamente contra Shoko, com agressões físicas e verbais, por parte dos colegas, além da invasão de seu espaço, prejudicando sua integridade corporal e, também, o comportamento de bullying apresentado indiretamente, através da exclusão social e a tentativa de sabotagem nas relações de amizade que Shoko tentou construir com poucos colegas, fazem parte do contexto que foi construído dentro da escola pela falta de diálogo e estratégias para apresentar aos alunos formas de educação inclusiva.

O bullying contra pessoa com deficiência é o maior obstáculo observado neste contexto escolar inclusivo, se perpetuando com o despreparo por parte da organização escolar perante a diversidade, o qual culminou na manutenção na aversão às diferenças de Shoko,

refletindo nos comportamentos agressivos por parte dos alunos e no negligenciamento por parte do Professor.

Tendo em vista que a deficiência não está exclusivamente relacionada a consequências físicas e biológicas, mas também ao contexto social e cultural presentes no ambiente, percebe-se que os comportamentos de bullying dispostos contra uma aluna com surdez dentro da escola fazem parte da cultura discriminatória, proveniente do despreparo de instituições educacionais para lidar com a diversidade, proporcionando a manutenção de um ambiente hostil e excludente para pessoas com deficiência. À vista disso, é necessário refletir sob quais parâmetros a educação inclusiva se efetiva e a importância da atuação profissional na eliminação de barreiras, pois apenas desse modo será possível a garantia do direito à educação para todos.

### Referências Bibliográficas

- Bee, H., & Boyd, D. (2009). *A criança em desenvolvimento* (12. ed.). Artmed editora.
- Dias, F. B. G., & Pingoello, I. (2016). Bullying na educação inclusiva. *Revista de Educação do Vale do Arinos-RELVA*, 3(1).
- Ferreira, M. P. M., Prado, S. A., & Cadavieco, J. F. (2015). Educação Inclusiva: Natureza e fundamentos. *Revista de Educación Inclusiva*, 8(3), 1-11.
- Kraemer, G. M., & Thoma, A. D. S. (2018). Acessibilidade como Condição de Acesso, Participação, Desenvolvimento e Aprendizagem de Alunos com Deficiência. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(3), 554-563.
- Lopes Neto, A. A. (2005). Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81(5). <https://doi.org/10.1590/s0021-75572005000700006>
- 26 a 30/9: “Reafirmando os Direitos Humanos dos Surdos.” (2020). Saude.Gov.Br. <http://bvsmms.saude.gov.br/ultimas-noticias/3302-26-a-30-9-reafirmando-os-direitos-humanos-dos-surdos>
- Moreira, P. P. Tipos de deficiência auditiva. 2019. Disponível em: <https://cronicasdasurdez.com/tipos-deficiencia-auditiva/>. Acesso em: 05 nov. 2020.
- Naoko Yamada (Diretora). *A Voz do Silêncio: Koe no Katachi* [Filme]. Kyoto Animation.
- Rocha, T. L. (2020). Combate ao bullying na escola contra pessoas com deficiência. *Cadernos da FUCAMP*, 19(38).
- Santana, A. P., & Bergamo, A.. Cultura e Identidades Surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. *Educação Social*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 565-582, ago. 2005
- Tonetto, M. C., & Rosa, L. (2019). Animação como estratégia narrativa no filme documentário *Pequenas Voces*.

### Apêndice

<b>Categorias de Comportamento</b>	<b>Descrição</b>	<b>Cena</b>
Barreiras na inclusão	Professor e Shoko estão em pé de frente para o restante dos alunos que se encontram sentados, ele vocaliza para ela se apresentar para a turma, brevemente gesticulando, mas sem a mesma perceber ou ouvir	Cena 1
Barreira comunicativa	A cena se inicia com o Professor começando a ditar páginas que iriam cair na prova. É possível ver os alunos em silêncio, se focando em escrever em seu caderno, Shoko no entanto está observando a sala e não escrevendo nada.	Cena 2
Barreira comunicativa	é possível observar Shoko olhando para os lados, e visualizando a colega ao seu lado abrindo a boca ligeiramente, e com isso Shoko começa a cantar. Os demais alunos começam a encarar Shoko, que continua a cantar sozinha, aparentemente tendo começado a cantar cedo demais.	Cena 2
Comportamento de Bullying direto contra PcD	Ishida que estava ao lado dela percebe isso e então começa sua leitura, sua voz não reflete a leitura mas sons aleatórios, O professor então pede que ele pare com isso e é possível ouvir risos dos demais alunos	Cena 2

Bullying contra PcD	nos últimos 5 meses, 8 vezes os aparelhos de Shoko foram ou perdidos ou quebrados.	Cena 6
Bullying direto e indireto contra PcD	Ishida, com um caderno ou livro dobrado em forma de cilindro aproxima uma das extremidades à sua boca e a outra à orelha de Shoko, proferindo um grito, Shoko estremece o corpo todo; é possível ver um aparelho auditivo parado na água; Ishida, que está varrendo o chão com uma vassoura na mão, posiciona a vassoura à frente de Shoko quando esta está passando por Ishida, Shoko tropeça cambaleando;	Cena 4
Bullying direto contra PcD e barreira atitudinal	“o que é isso? É nojento” e então arremessa o objeto para fora por meio da janela aberta aos fundos da sala onde ele se encontrava. O aparelho cai em uma lata de lixo.	Cena 5
Bullying indireto	Ishida termina de escrever e no quadro está escrito "Parabéns, Nishimiya. Sahara se foi por sua culpa.	Cena 4
Bullying direto contra PcD	ele retira com velocidade o aparelho do ouvido de Shoko, que estende a mão para cima em direção à mão de Ishida, que segura o aparelho ao alto	Cena 5
Bullying direto contra PcD	Ishida em um movimento rápido arranca ambos aparelhos auditivos de Shoko, esta que por sua vez grita um “ah!” e leva suas mãos as orelhas, ouve-se um “hm” enquanto arregalam os olhos e elevou as sobrancelhas, uma colega de cabelos loiros trançados corre em direção à Shoko,	Cena 5

	dizendo “nishimiya, você está bem?”, uma gota de sangue escorre pelo braço direito de Shoko	
Barreira atitudinal	um grupo de meninas se encontram em uma parte do brinquedo do parquinho, enquanto Shoko encontra-se no outro lado	Cena 3
Bullying direto contra PcD	Ishida está molhando Shoko com uma mangueira	Cena 5
Bullying direto contra PcD	Ishida arremessa o caderno de Shoko na água	Cena 5
Bullying direto e barreira atitudinal	É possível ouvir ele questionar o que ela está fazendo, no momento em que ela começa a utilizar linguagem de sinais e ao mesmo tempo vocalizando "Amigo". Ishida pergunta "Quê?" enquanto junta um punhado de terra e lança nela gritando "Que idiota"	Cena 3
Inclusão ( no entanto é notável a demora para medidas de inclusão acontecerem por parte dos professores)	Kita da escola para surdos se apresenta para a turma, escrevendo seu nome no quadro e falando sobre a linguagem de sinais.	Cena 4
Comportamento de Bullying verbal indireto direcionado a medidas de inclusão	Naoka que estava num grupo de quatro garotas próximas da mesa comenta sobre como é ridículo, é possível perceber pelos olhos de Sahara que ela ouviu a Naoka.	Cena 4
Comportamento de bullying verbal indireto contra pessoa sem deficiência	Naoka muda o assunto da conversa, comentando sobre as roupas de Sahara "As roupas dela são feias, não é?"	Cena 4

Comportamento de fuga/exclusão	é possível observar a Sahara sentada em sua cadeira e no próximo momento a mesma não está mais ali	Cena 4
Comportamento de bullying indireto por parte do Professor diante da atitude do agressor	o professor fala "Ora, Ishida" "Estamos no meio da aula" é possível perceber que Ishida está segurando o riso mas responde "Certo. Desculpe" depois os outros alunos começam a rir.	Cena 4